

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



SILVA, João Serras e (Alcaravela, 1868 - Lisboa, 1956)

Nascido no concelho do Sardoal (distrito de Santarém) a 15 de Janeiro de 1868, foi militante da “acção católica” — um dos patronos da criação do Centro Académico da Democracia Cristã de Coimbra (CADC de Coimbra) — e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC), tendo-se especializado nas áreas da higiene e da “medicina social”. Foi, também, docente convidado na Faculdade de Letras e na Escola Normal Superior da UC (FLUC e ENSUC). Entre 1933 e 1938 (ano em que se jubilou) desempenhou o cargo de Director-Geral da Saúde Escolar do Ministério da Instrução Pública — desde 1936 Ministério da Educação Nacional. Faleceu no dia 8 de Abril de 1956.

Após ter frequentado com mérito a Faculdade de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra — mais tarde Faculdade de Ciências e hoje Faculdade de Ciências e Tecnologia —, João Serras e Silva inscreveu-se na FMUC (1891), onde se graduou no ano de 1896. Depois de ter obtido os graus de licenciado e de doutor, concorreu em 1898 com sucesso à docência naquela Faculdade da UC. Defendeu as dissertações intituladas “A hereditariedade da sífilis”, “O alcoolismo” e “O clima de altitude e a tuberculose pulmonar”. Em 1895 colaborou com Augusto Rocha — professor da FMUC e Director da *Coimbra Médica* — e com António Leite de Faria na organização em Coimbra do 1º Congresso Nacional da Tuberculose.

Defensor de João Franco na fase final da Monarquia Constitucional e de Sidónio Pais durante a Primeira República, João Serras e Silva integrou a base de apoio da Ditadura Militar e do Estado Novo, tendo sido membro da Câmara Corporativa. Militou, entre outras organizações, na Comissão Central das Conferências de S. Vicente de Paulo, na Associação dos Médicos Católicos Portugueses e na Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira. Foi um dos mentores da geração de dirigentes do CADC de Coimbra simbolizada por Manuel Gonçalves Cerejeira e por António de Oliveira Salazar.

Colaborou, nomeadamente, em jornais como o *Novidades* (do Patriarcado de Lisboa), o *Correio de Coimbra* (da Diocese de Coimbra), o *Diário da Manhã* (da União Nacional) e a *Voz*; na revista *Estudos* (do CADC de Coimbra) e em publicações periódicas de cariz científico e/ou tecnológico (*Coimbra Médica*, *Higiene e Hidrologia*, *Biblos*, *Arquivo Pedagógico*, *Saúde Escolar*). Editou, também, monografias sobre higiene e epidemiologia, “medicina social” e saúde escolar, religião e “higiene moral”, sociologia e pedagogia, história e didáctica da História. Realçamos *A hereditariedade da sífilis* (1897), *O alcoolismo*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(1898), *O catolicismo e a higiene* (1918), “A história à luz da ciência social” (1926), *A ciência social na educação e na história* (1926), “Uma educação boa deve ser nacional” (1928), “O estudo da História” (1929), *Educação nacional* (1938), *Questões de educação* (1949), *Ideias fundamentais sobre a Escola Primária* (1952).

Procurou fomentar a divulgação em Portugal da “sociologia experimental”, encontrando-se associado aos estudos entre nós realizados por Léon Poincard e Paul Descamps. Mesmo face a estes antecedentes, nos anos trinta a sessenta a ditadura salazarista encarou aquela área do saber como uma ameaça, excluindo-a do sistema de investigação e de ensino superior. Talvez por ter adoptado uma postura ensaística decorrente da sua formação autodidata, quer no âmbito da sociologia quer da historiografia João Serras e Silva foi sobretudo influenciado por autores e obras publicados em língua francesa — com origem francesa, belga e polaca — e em língua inglesa.

Tendo atingido a maturidade intelectual numa época em que, em Portugal como nos países mais desenvolvidos, não se tinha ainda estruturado um grupo socioprofissional de investigadores e/ou de professores de história maioritariamente graduados e pós-graduados em história, João Serras e Silva leccionou na FLUC, de 1920/1921 a 1932/1933, a disciplina nuclear de História dos Descobrimientos e da Colonização Portuguesa. Defendeu sempre uma historiografia – investigação, docência e divulgação – interpretativa e estrutural, globalizante mas “nacionalista esclarecida”, influenciada pelos pressupostos epistemológicos e teóricos de um “positivismo católico” e, mesmo, do idealismo crítico. Não advogou — ou recusou mesmo — a adopção do historicismo neo-metódico enquanto corrente historiográfica oficiosa (ou oficial) do Estado Novo.

Nas palavras de João Serras e Silva, como “*na sociologia, na história a intuição e o senso comum conduzem a explicações muitas vezes absurdas. As leis sociais, as repercussões, as coexistências, a formação social fornecem meios de interpretar os factos históricos que os historiadores habitualmente não possuem. Não basta ter o facto; nenhuma ciência se contenta somente com os factos; é preciso uma operação do espírito para ligar e explicar estes factos. Os factos são necessários, indispensáveis; nenhuma ciência se pode constituir sem eles. Mas, necessários, não são suficientes [...]*”.

“*A história não nos dá uma reconstituição exacta duma sociedade ou duma instituição, não nos descreve a evolução dessa sociedade ou dessa instituição porque lhe faltam os meios; não há documentos. Os melhores documentos são os que dizem respeito à vida privada e esses não existem. É por isso que a história será sempre uma ciência imperfeita, inferior às ciências naturais. Contudo, a ciência social, aproveitando o que existe e aplicando as suas descobertas — leis causais e leis de coexistência —, obtidas na observação dos povos actuais, pode fazer avançar consideravelmente o conhecimento do passado.*” (SILVA, João Serras e, “A história à luz da ciência social”, *Biblos*, vol. II, 1926, p. 486 e 528.)

À semelhança, por exemplo, de António Sérgio e de Jaime Cortesão, João Serras e Silva propôs uma



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

leitura sociológica da “expansão lusa” — dos antecedentes e das correspondentes implicações —, tanto na “Metrópole” e nas “Ilhas Adjacentes”, como nas “Colónias”. Comparou as virtudes e as limitações das evoluções ibéricas com os sucessos das realidades britânica, francesa e holandesa. Utilizou conceitos como os de “política de transporte” e “política de fixação”, “responsabilidade das elites” e “educação das classes populares”. Depois de 1932/1933, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa voltou, durante muitos anos lectivos, a ser trabalhada como um somatório de informação empírica, “personalidades”, “acontecimentos” e apreciações valorativas sobre a “glória” ou a “decadência” de Portugal.

O contributo de João Serras e Silva para a ENSUC decorreu, tanto da sua formação e actividade como médico — assegurou a disciplina de Higiene Escolar, do 1º Ano do Curso de Habilitação para a Docência nos três níveis de ensino não superior —, como do seu empenhamento nos debates relativos à evolução e à função social da historiografia. Considerou fundamental que, tanto no plano da configuração dos conteúdos programáticos como em termos das metodologias didácticas (que deveriam ser activas e responsabilizantes), o ensino da História passasse a contribuir para a formação de adultos conscientes e capazes de agir mais autonomamente.

Na sua perspectiva, apenas uma história científica porque sociológica, simultaneamente materialista e “espiritualista”, corporativista e “lucidamente nacionalista” garantiria aos jovens e ao país uma compreensão “objectiva” do seu passado, indispensável à construção de um futuro no qual se manteriam os aspectos positivos e se abandonariam as características negativas (substituídas por soluções válidas já testadas em outros Estados). Recorrendo a exemplos de história da expansão colonial europeia, procurou mostrar como a “crise nacional” da segunda metade do século XVI e da primeira metade do século XVII decorrera de Portugal ter continuado a ser um país nobiliárquico e guerreiro, desprovido de uma elite comercial e industrial forte; de ter sido incapaz de consolidar um relacionamento favorável com sociedades que apresentavam níveis civilizacionais superiores, semelhantes ou inferiores aos seus.

Sobre historiografia e ensino da História, João Serras e Silva afirmou que numa “*fórmula sintética poderíamos dizer: foi a cavalaria que nos deu a Índia e foi a cavalaria que no-la fez perder. Soubemos conquistar, mas não soubemos reter e conservar. Aqui está porque a Índia se perdeu. Ainda uma vez os factos nos mostram que a cavalaria não funda nada de sólido e duradouro; o sistema patriarcal de explorar e dominar as pessoas, em vez das coisas, é um sistema votado à esterilidade. Uma história dos Descobrimentos que desconheça este determinismo, este encadeamento dos factos, este predomínio das formações sociais, poderá ser uma história erudita [...], mas não é uma história científica, capaz de nos esclarecer sobre o mecanismo da evolução humana.*” (SILVA, João Serras e, “O estudo da História”, Arquivo Pedagógico, nº 4, 1929, p. 430/431.)

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia activa: SILVA, João Serras e, *A hereditariedade da sífilis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897.; SILVA, João Serras e, *O alcoolismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.; SILVA, João Serras e, *O catolicismo e a higiene*, Coimbra, F. França Amado, 1918.; SILVA, João Serras e, "A história à luz da ciência social", *Biblos*, vol. II, 1926, p. 485-528.; SILVA, João Serras e, *A ciência social na educação e na história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.; SILVA, João Serras e, "Uma educação boa deve ser nacional", *Arquivo Pedagógico*, vol. II, nº 2, 1928, p. 117-140.; SILVA, João Serras e, "O estudo da História", *Arquivo Pedagógico*, vol. II, nº 4, 1929, p. 387-432.; SILVA, João Serras e, *Educação nacional*, Coimbra, Coimbra Editora, 1938.; SILVA, João Serras e, *Questões de educação*, Porto, Editorial Ibérica, 1949.; SILVA, João Serras e, *Ideias fundamentais sobre a Escola Primária*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1952.

Bibliografia passiva: BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé, *As escolas históricas* (trad. do francês), Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.; CATROGA, Fernando, *Memória, história e historiografia*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001.; CRUZ, Manuel Braga da, *As origens da democracia cristã e o salazarismo*, Lisboa, GIS/Editorial Presença, 1982.; MENDES, José Amado, "Os Descobrimentos na FLUC (1911-1926). História e ideologia", *Revista de História das Ideias*, vol. 14, 1992, p. 389-409.; NUNES, Adérito Sedas, "Questões preliminares sobre as ciências sociais", *Análise Social*, vol. VIII, nº 30/31, 1970, p. 201-298.; NUNES, João Paulo Avelãs, *A história económica e social na FLUC (1911-1974)*, Lisboa, IIE, 1995.; NUNES, João Paulo Avelãs, "Ciência e ideologia: a história na FLUC de 1911 a 1933", NETO, Vítor (coord.), *República, Universidade e Academia*, Coimbra, Edições Almedina, 2012, p. 313-337.; NUNES, João Paulo Avelãs, "O Estado, a historiografia e outras ciências/tecnologias sociais", NUNES, João Paulo Avelãs e FREIRE, Américo (coord.), *Historiografias portuguesa e brasileira no século XX. Olhares cruzados*, Coimbra, IUC, 2013, p. 53-79.; SEABRA, Jorge e outros, *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*, Coimbra, FLUC, 1993.; TORRAL, Luís Reis e outros, *História da história em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

João Paulo Avelãs Nunes



APOIOS:

